



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de Filosofia**  
**Raianny Pereira de Rezende**

***Dubitatio Ab Ovo: Sobre o locus da Filosofia no supermercado cultural***  
**de Mathews e Hall**

**Brasília, Dezembro de 2011.**

**Raianny Pereira de Rezende**

***Dubitatio Ab Ovo: Sobre o lócus da Filosofia no supermercado cultural***  
**de Mathews e Hall**

**Monografia apresentada junto ao curso de Filosofia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção dos títulos de Licenciada e Bacharel em Filosofia, sob a orientação da Profa. Dr<sup>a</sup>. Loraine de Oliveira.**

**Brasília, Dezembro de 2011.**

Dedico este trabalho à minha Família, por todo o suporte que sempre têm me fornecido, pela atenção que nunca me faltou, pelos incentivos perenes aos meus estudos, aguçando minha curiosidade e por terem alimentado em mim uma *dubitatio* efervescente e constante, que me move e que me faz viver.

*A vocês.*

Agradeço a quem de alguma forma participou e auxiliou na elaboração dessa Monografia, seja através de discussões, apontamentos, mas, principalmente, pela paciência.  
Muito obrigada.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>07</b>
<b>1. Sobre o conceito de <i>Cultura</i></b> .....	<b>10</b>
<b>2. Sobre os conceitos de <i>Clássico e Tradição</i></b> .....	<b>19</b>
<b>3. Sobre a <i>Dialética</i></b> .....	<b>26</b>
<b>4. Sobre o <i>supermercado cultural</i> de Mathews e Hall</b> .....	<b>31</b>
<b>5. Sobre o lócus da <i>Filosofia no supermercado cultural</i> de Mathews e Hall</b> .....	<b>36</b>
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>38</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>39</b>

## Resumo

O presente trabalho dirige-se à investigação de uma dúvida *ab ovo* quanto às origens e extensões das relações entre a *Filosofia*, a *cultura* e a *dialética* no momento hodierno. Exploraremos seus conceitos, tendo em mente a pluralidade semântica arraigada a cada um deles, bem como a sua influência no *modo* como as pessoas vivem. Nossa investigação dirá respeito ainda ao *lócus* da *Filosofia* também a partir daquilo que Gordon Mathews e Stuart Hall denominam *supermercado cultural*. Acreditamos que essa questão é de fundamental importância, pois ao questionarmos o lugar da *Filosofia*, refletimos também a questão *humana*, sendo o viver propriamente filosófico uma possibilidade de se refletir enquanto se vive, que se poderia promover uma *leitura* e *releitura* constante do mundo, uma vida, pois, que se pensa, que se *coloca em questão*.

**Palavras-chave:** Filosofia, cultura, dialética, supermercado cultural.

## Introdução

O motor nuclear da presente investigação é uma *Dubitatio ab Ovo*. Uma dúvida que se dirige, pois, às origens. Mas, origens de quê?

Estamos nos dispondo a pensar o ser humano e o fenômeno das assim chamadas *sociedades humanas*, e aquilo que se assume para que essas sejam estabelecidas. Levando em consideração o caráter contributivo, que em certo sentido sustenta uma sociedade, solidário, identificador, mas, não necessariamente, isolador que podem ser associadas a tais grupos. O que sustentaria a existência e permanência dessas associações?

Tomaremos por básico o elemento individual e, extensivamente, sua presença dentro da coletividade, que possui um *modo de vida* característico, seu *ethos*, sua *cultura*, compartilhada por aqueles membros que se agregam e adotam um estilo de vida em comum. *Modo de vida* esse que está relacionado intrinsecamente com a forma como as pessoas vivem, desde suas práticas ao ideário que sustenta essa forma, ou seja, tudo aquilo que se considera digno de ser partilhado, repetido e perpetuado dentro de uma sociedade. Mas, até que ponto esse modo de vida é compartilhado? Não existiria a possibilidade de escolha individual e um horizonte de auto-determinação disponível, de lacunas ainda a serem preenchidas pela própria unidade capsular-cultural, ou seja, o ser humano não como espécie, mas enquanto expressão individual que vive em uma sociedade ao lado de outras cápsulas-culturais? Esse *modo de vida* pode ser alterado? Se sim, sob quais condições? Até que ponto podemos considerar a *cultura* como um fenômeno humano de caráter homogêneo?

Pensaremos ainda a possibilidade de elementos culturais originados em diferentes contextos serem comunicados e de seus significados serem transmitidos a indivíduos que não fazem parte de tal sociedade, ou seja, o transitar de conceitos, de símbolos e seus significados, como uma prática fundamentalmente *humana*, e que se daria em larga escala.

Analisando a possibilidade de os elementos culturais terem tal caráter móvel, abordaremos a *dialética* como um possível veículo, a parte instrumental que seria a peça-chave nesse intercâmbio multilateral, nessa troca multifacetada, e que

possibilitaria, *a posteriori*, a releitura da herança cultural que é “recebida”, cabendo uma possível abertura à reconsideração dos legados recebidos e uma, nem sempre consequente, adoção de novas posturas diante do mundo.

Discutiremos, dentro desse âmbito de possibilidades culturais, o *supermercado cultural*, conceito trabalhado por *Gordon Mathews* e *Stuart Hall*, que em suma significa uma abertura à escolha do sujeito, uma auto-determinação possível diante de várias identidades disponíveis no assim chamado *supermercado cultural*, e a relação entre essa disponibilidade de escolhas culturais e a Filosofia.

Pensar o passado, a fim de criticá-lo, demanda conhecimento do que já foi feito até aquela altura, daquilo que estamos a todo o momento recebendo como fato, ou seja, a abordagem “clássica” seja de algum tema filosófico ou da forma como nos dirigimos na vida. Tal conhecimento, ainda que parcial, parece atuar como uma espécie de trilhos amparo e base para o que for feito posteriormente.

Havendo um desalinho entre a abordagem clássica e as demandas do que cada um espera pra si, há de se pensar no surgimento do “novo”, a fim de que esse satisfaça tais expectativas, caso se queira preenchê-las.

No presente trabalho pensaremos tal aparecimento como uma forma de quebra, uma interrupção da regurgitação cíclica e eterna do passado, em que algo é engolido e que volta a ser mastigado, em um processo que alguns olhares podem julgar como contínuos e necessários, uma miríade intransponível.

Nossa investigação possui como eixo, pois, pensar o ser humano: seu caráter cultural, tanto em nível coletivo como individual; as trocas possíveis entre representantes de diferentes culturas, e até mesmo das mesmas, ou seja, pensar a homogeneidade e a heterogeneidade daquilo que se considera *cultura*; tendo em vista a existência humana, em seu sentido mais largo, que abarcaria a forma como agimos, o que pensamos, bem como a possibilidade da reconstituição e reconfiguração dessas esferas.

Para tanto, este trabalho é assim estruturado: discutiremos no primeiro capítulo o conceito de *cultura*, suas acepções e apropriações, pensando suas origens e as suas relações com os patrimônios culturais que são recebidos e repassados por gerações e o seu papel basal na estruturação de uma sociedade; no segundo capítulo, tendo em vista a herança cultural recebida e propagada, discutiremos a relevância e as consequências de algo ser considerado *clássico*, e o papel da *tradição* na manutenção de um *modo de vida específico*; já no terceiro capítulo teremos em mente a possibilidade de algum traço



cultural ser modificado, discutido ou descartado, salientando o papel do diálogo e da *atividade dialética* nesse processo, pensando a eminência de alguma modificação na *cultura* ser, de fato, estabelecida; no quarto capítulo pensaremos o papel do sujeito dentro desse amálgama cultural, o seu poder de auto-determinação, a possibilidade da escolha de sua própria identidade dentro do *supermercado cultural* de Mathews e Hall; e no quinto capítulo pensaremos o lugar da *Filosofia* diante desses cabos-de-guerra entre a *cultura* e o *indivíduo* inserido no *supermercado cultural*. Qual, afinal, seria o papel da *Filosofia* no momento hodierno? Poderia ela ser rifada, negociada, ser posta em promoção? A *Filosofia* está à venda no *supermercado cultural* de Mathews e Hall?

## 1. Sobre o Conceito de *Cultura*

A abordagem do termo *cultura* pode dar-se de diversas maneiras. Desde sua origem etimológica à sua apropriação acadêmica e, até mesmo, em seu uso popular, as esferas significativas podem variar bastante e essa variação é um dos nossos interesses mais caros, pois demonstra a riqueza semântica do conceito que estamos a tratar.

Apesar de oferecer-nos uma grande gama de escolhas, essa variação pode também oferecer armadilhas, necessitando, pois, de desambiguações, delineamentos e escolhas.

A análise de conceitos intrincados tem sido um dos focos de interesse da Filosofia, quando se ocupa da análise do discurso, quando lida com a hermenêutica de definições e, sobretudo, no que tange à análise e à crítica do mundo, que dependem de um domínio ainda que parcial daquilo que quem quer que se envolva no trânsito de *logos* quer dizer. Análises conceituais podem levar-nos a colocar em questão aquilo que parece óbvio e que se assume como sólido, nosso intuito é ter condições de trafegarmos em seus braços de significados, buscando a raiz.

Etimologicamente, o termo *cultura* origina-se da palavra latina “*cultura*” e significa, originariamente, “cultivo”, no sentido de cultivar um campo, cuidar de uma lavoura; algo que demandaria, pois, trato, contato, bem como investimento de tempo, e espera pelos resultados do esforço inicial.

Eagleton diz que esse conceito é um dos mais complexos de se definir, pois sofre mudanças em sua apropriação também por passagens históricas; por exemplo, com a mudança de eixo do modo de vida das pessoas do campo para as cidades.

Segundo ele:

Se a palavra “cultura” guarda em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância (a do campo para a cidade), ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Neste único termo, entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz.

(EAGLETON, 2003, p.11.)

O autor levanta então a questão da oposição entre a natureza e a cultura, entre aquilo que é considerado inato e o que depende da atuação externa, considerações muito caras e ricas para uma reflexão acerca do cerne do conceito, colocando em relevo, além disso, como as acepções variam de acordo com os interesses particulares e também são influenciados por momentos históricos.

Pensar as relações entre *natureza* e a *cultura* nos propicia uma atitude filosófica diante dos fatos históricos. Pensar a natureza, a estrutura, a essência bem como as relações entre esses aspectos gerais da existência, aquilo que compartilhamos com outras pessoas em nosso meio, e o que, apesar de possuir um caráter coletivo, afeta de maneira diferente cada membro, é uma forma de orientar-se no mundo que está atenta ao que nos circunda e nos envolve.

Geert Hofstede considera que do conceito de *cultura*, a partir de sua raiz latina, podem-se depreender *duas* acepções distintas. Ele acredita que nas línguas ocidentais o termo está fortemente ligado ao que entendemos por “civilização”, e que, nesse sentido, aquele que é considerado “culto” teve, pois, algum tipo de contato com um cartel de normas, diretrizes e práticas consideradas aceitáveis e acatáveis, ainda que nem sempre os critérios para a sua continuidade estejam claros, pois pode acontecer de algumas práticas caírem naquilo que se chama “desuso”, ações que antes estavam em voga, por alguma mudança na mentalidade, nos meios materiais ou em algum outro fator, não podem mais ser mantidas, havendo alterações significativas no modo de vida daquelas pessoas. (HOFSTEDDE, 1991, p. 5)

O motivo de certas práticas caírem em “desuso” pode ainda ser ideológico, político ou escuso. Seria interessante pensar a partir de quem e para quem as assim chamadas normas sociais atuam; se são horizontais, verticais, hierarquizadas ou não, bem como as condições para que se continue a compartilhar as mesmas. Pensar acerca

desses aspectos é uma forma de portar-se no mundo que possibilita críticas e reflexões, uma vida de fato em primeira pessoa.

Ainda segundo Hofstede, há ainda uma segunda acepção a ser explorada, a de *cultura* como um *software* mental. *Softwares* podem ser instalados e desinstalados, e quando atuam de maneira ótima, não afetam o funcionamento de um computador em sua raiz, têm um caráter muito mais utilitário, sendo dotados de possibilidades para o usuário que não seriam, a princípio, fundamentais. *Softwares* auxiliam os operadores em atividades de seu interesse, são acessórios, não basais.

Hofstede faz algumas ressalvas quanto à utilização desse termo. Para ele, isso não significa que as pessoas possam ser programadas tais quais computadores, mas ele acredita que há um caráter móvel na cultura que seria dependente das coisas aprendidas em um contexto específico, nas condições em que se encontra, mas que podem também ser desaprendidas, adquirindo novos hábitos e *modos de ser*.

A questão do desaprender parece questionável, pois, ainda que o indivíduo tenha a propriedade de aprender algo novo, não parece necessário que esse desaprenda o que já aprendeu, seria mais apropriado, talvez, falar somente em *aprender*, e que coisas aprendidas não precisam substituir outras. Podem, no caso extremo de serem contraditórias, sobreviverem no arcabouço de coisas passíveis de serem aprendidas, mas que somente na escolha de um modo de agir uma delas venha, ao fim e ao cabo, ser praticada ou deixada de lado, sem nenhum aspecto precisar ser desaprendido, apenas desconsiderado naquele momento específico. O desaprender corresponderia então ao escanteio temporário de algum aspecto, mas que não caracterizaria um “sumiço” do que foi aprendido antes. Podemos pensar ainda em desaprender como desconstrução de forma em que haveria um novo reajuste entre as novas informações adquiridas e aquelas que já se tem, dialeticamente. Para Hofstede:

Cada pessoa carrega consigo padrões de pensamento, sentimento, e ações potenciais que foram aprendidas ao longo da vida. Muitos deles foram adquiridos em sua tenra infância, porque a essa altura a pessoa está mais suscetível ao aprendizado e à assimilação. Tão logo certos padrões de pensamento, sentimento e ação tenham sido estabelecidos junto à mente de uma pessoa, ela precisa desaprendê-los antes de estarem aptos a aprender algo diferente, e desaprender é mais difícil do que aprender pela primeira vez. [...]

O comportamento de uma pessoa é apenas parcialmente predeterminado pelos seus programas mentais: ela possui uma habilidade básica de desviar-se dele, e de reagir de formas novas, criativas, destrutivas, ou inesperadas.<sup>1</sup>  
(HOFSTEDE, 1991, p.4)

Hofstede estamenta então que esses *padrões* estabelecidos para, e não necessariamente por, aqueles membros são elementos aprendidos, dentro de um contexto que haveria interesses específicos em propagar aqueles padrões como a base de ação no mundo, mas a continuidade da ação dentro desses parâmetros estabelecidos e instaurados naquelas pessoas não seria algo fixo e imutável, pois está suscetível a mudanças.

O ser humano seria a “base física” para as programações ocorrerem, um *hard-disk* orgânico, por assim dizer, e essas mudanças dar-se-iam através de novas “programações culturais”, devido ao contato e ao confronto com outras “programações”. Seriam esses contatos e confrontos *dialéticos*?

Ainda segundo Hofstede (1991, p. 5) seria possível, então, modificar os padrões de ação. Esse caráter móvel da “*programação cultural*” só se daria, dentro de uma sociedade, porque a *cultura* mesma seria um fenômeno coletivo, e é essa programação a responsável por distinguir os membros de um grupo ou separar as pessoas em diferentes categorias. A *cultura* seria possuidora então de elementos designadores, individuais e coletivos.

A programação não viria *ex-nihil*, mas seria fruto de acordos, trocas, e principalmente do aceite dos membros de uma cultura, que decide a favor de uma determinada *programação* enquanto permanecem agindo de acordo com o que se estabelece como padrão na mesma.

Uma forma de considerarmos essa mudança de padrões seria a de que ela depende muito de cada indivíduo, que vivendo em uma sociedade cada vez mais globalizada, possuiria, a princípio, um grande *menu cultural* dependendo de sua decisão, ou da decisão do “*programador*” de promover as mudanças convenientes aos interesses daquele momento específico.

“Necessidades” momentâneas, propagadas nos meios de comunicação, que atingem um sem-número de pessoas todos os dias, que bombardeiam lares com ideias diversas, de forma que as crises são generalizadas, e toda a sociedade é chamada a

---

<sup>1</sup> A tradução livre deste trecho é de minha responsabilidade.

responder de forma compulsória e integrada, buscando-se apoio a decisões que atingem toda a coletividade, são formas de mudar padrões de pensamento, ações no mundo.

As respostas a esses pedidos, incentivos, ou até mesmo imperativos tornam-se complementares ao movimento pró-mudança de paradigmas inicial. Caso sejam acatados, a mudança do padrão estabelece-se; caso sejam rejeitados, continua-se a agir da mesma forma, mas é interessante pensar na possibilidade de considerar e acatar esses novos fragmentos, que podem atingir o fundamento das práticas ou apenas serem complementares às mesmas.

O alargamento das possibilidades e o acomodamento possível de uma nova *forma de vida* enriquecem o arcabouço cultural e filosófico de quem se envolve em tal fenômeno. O contato com os outros e a possibilidade do mesmo atingir diretamente a vida de quem estiver em seu raio de atuação parece ser possibilitados pela capacidade da transmissão de *logos*, bem como pela capacidade de recepcioná-lo.<sup>2</sup>

A capacidade de modificar-se, adquirir novos hábitos e posturas, deliberadamente, tanto culturalmente quanto filosoficamente, parece caracterizar o elemento humano, capaz de reconfigurar-se, vivo. Mutante e mutador.<sup>3</sup>

Esses *softwares*, quando são instaurados dentro de uma *cultura* específica, precisam ter seus símbolos e os significados arraigados a esses *compartilhados*, para serem entendidos por outros membros, ou esses elementos seriam simplesmente considerados fragmentos *nonsense*, perdendo-se em um limbo de informações, de forma que não haveria encontro entre símbolos e significados, justaposição necessária para que eles sejam compreendidos. Caso ocorra alguma alteração na relação entre signos e seus respectivos significados, todos aqueles que precisam dominar o funcionamento de tal relação precisam estar cientes, para que o uso possa realizar-se eficientemente, caso contrário, perdem-se em equívocos, labirintos sem saída.

Quando se vive em uma sociedade, esse tipo de desencontro precisa ser evitado ao máximo, pois se o que se busca é a integração entre os membros e a linguagem permeia a relação entre os co-cidadãos, quanto mais afastados nos mantemos de equívocos lingüísticos, mais aproximamo-nos de uma relação unificadora.

Cada sociedade, da maneira como entendemos, é possuidora de um território, de uma Constituição que regula e determina os *direitos* e *deveres* de seus cidadãos, sua

---

<sup>2</sup> Pensar sobre a relação entre o mesmo e a diferença guia-nos a uma discussão acerca da relação entre a *cultura* e a *dialética*, a qual nos ateremos no terceiro capítulo.

<sup>3</sup> Não estamos dizendo que *apenas* os seres humanos possuem a capacidade de deliberação ou de modificar seu modo de agir, mas sim que essa característica expressa-se visivelmente nessa espécie. Pensar a capacidade de deliberar dos outros animais foge ao nosso escopo temático, apesar de ser um tema deveras interessante.

linguagem própria, e também limites fronteiriços definidos que a separam de outras sociedades. Sua população compartilha, então, esses pontos comuns como base para o fenômeno da existência cívica e, por extensão, cultural.

Mas, nem sempre essas fronteiras e esses elementos parecem estar claramente definidos, propiciando conflitos de interesses, choques culturais, embates ideológicos e políticos.

Para que se possa conhecer outras culturas, na medida do possível, e aprender com elas, não necessariamente desaprendendo do que já se aprendeu, Maurício Beuchot Puente propõe que haja diálogo entre esses representantes culturais, mas um diálogo que seja frutífero, que considere as particularidades de cada grupo cultural, estando atento aos contextos nos quais cada um deles surgiu, buscando o que de comum há entre as culturas, e dessa forma haveria uma possibilidade da redução do distanciamento entre as mesmas e seria buscada uma forma analógica de compartilhar os símbolos e significados caros a cada um desses fenômenos culturais, ainda que haja um déficit no alcance significativo desses símbolos. Essa seria uma forma de trazer para a sua realidade a forma como outros grupos vivem, e assim, podemos pensar até mesmo em uma troca simbólica entre os que se envolvem nessa relação. A hermenêutica analógica, entendida por ele como a arte de interpretar<sup>4</sup>, seria o instrumento fundamental para que as trocas se dêem, através de interpretações mútuas, em que elementos em comum sejam buscados, e que assim o diálogo possa acontecer de forma efetiva e bem-estabelecida. Que não seja um discurso vazio, mas pleno de sentido, para ambos os lados. (PUENTE, 2009, p. 139-141)

No momento hodierno, pelo menos no que diz respeito ao aspecto cultural, essas fronteiras estão cada vez menos restritivas, abrindo possibilidades culturais que certamente necessitam de meios materiais específicos para serem levadas a cabo, como, por exemplo, computadores com acesso à internet, mas que permitem, quando presentes os meios, uma abertura ao que está “do outro lado da fronteira”. Essas fronteiras parecem ser apenas *pro forma*, convencionais.

Essa abertura pode ser proposital, e até mesmo conseqüência de um modo de vida que se encontra sob a égide da ideia de globalização; mas seus efeitos têm a

---

<sup>4</sup> Arte essa que envolveria uma forma de instrumentalização de conceitos e significados atenta, quando realizada de forma ótima, ao contexto em que se encontram; ao *background* originário da outra parte envolvida, bem como do seu mesmo, para que assim ocorra a analogia, em busca do entendimento mútuo entre essas partes.

capacidade de modificar o modo como as pessoas vivem suas vidas, alterando visões de mundo.<sup>5</sup>

Sobre a ligação entre a *cultura* e a forma como as pessoas vivem suas vidas (se é que não se inter-definem), a tensão gerada pela oposição entre esses “*modos específicos*” e as aberturas relativas de fronteiras que podemos observar em um mundo caracterizado como *globalizado*, Gordon Mathews salienta que:

A maioria das pessoas hoje tende a pensar em cultura como pertencendo a uma determinada sociedade: japoneses têm cultura japonesa, franceses têm cultura francesa, americanos têm cultura americana, e assim por diante. Mas hoje isso tem-se mostrado confuso: nós pertencemos à nossa cultura nacional específica, mas muitos de nós no mundo aflrente atual também selecionamos – ou pelo menos acreditamos que selecionamos – aspectos de nossas vidas no que pode ser chamado de “o supermercado cultural global” [...]

Parece inegável que cultura como “o modo de vida de um povo” é hoje problemático: há tanta diversidade e inter-relação dentro de cada sociedade diferente que já não podemos facilmente falar de “cultura japonesa”, ou “cultura americana”, ou “cultura chinesa” como todos unificados, distintos, em

oposição a outros todos unificados, distintos.

(MATHEWS, 2002, p.9-25)<sup>6</sup>

Nossos questionamentos voltam-se novamente àquilo que se poderia considerar homogêneo dentro de uma sociedade, a ponto de unir seus membros e designá-los partes integrantes da mesma.

O sentimento de pertença a um grupo é um dos fatores que poderiam ser considerados como forjadores de elos entre aqueles que partilham essa identidade no âmbito coletivo. Ainda que haja uma esfera a ser decidida pelo próprio indivíduo, é a partir da estrutura na qual ele é criado que ele experimentará o mundo.

São todos os valores considerados válidos, úteis ou até mesmo almejados que ajudarão a constituir o caráter coletivo de cada ser humano que vive em uma sociedade, que desde a sua tenra infância é lançado em um mundo que possui expectativas singulares a cada uma dessas cápsulas-culturais.

---

<sup>5</sup> Estaria aí uma possibilidade de *renovação* também na Filosofia? Há algo na Filosofia seja passível de uma assim chamada *renovação*?

<sup>6</sup> O autor aqui se refere aos americanos nascidos nos Estados Unidos da América. O assim *chamado supermercado cultural* e as suas possíveis implicações serão tratados mais propriamente adiante, mas tenhamos em mente que se refere à possibilidade de escolha de identidades que se basearia nas escolhas individuais do sujeito.



Se essas projeções serão satisfeitas, isso se realmente forem satisfactíveis e não uma idealização utópica, também dependerá da vontade do sujeito e das condições de realização que forem fornecidas a ele.

É cruel a forma como algumas sociedades separam seus membros, limitando as condições de acesso à informação e à educação, não dotando aquelas pessoas da possibilidade de experimentar o mundo em pé de igualdade. As justificativas para tal podem variar, discursos floreados podem ser proferidos – sem a mínima intenção que se honre suas propostas - promessas não cumpridas podem se acumular, mas enquanto isso gerações a fio sofrem o descaso que além de assolar esses grupos, que apenas sobrevivem ao mundo, sem condições de realmente experimentar todas as possibilidades que este pode oferecer, no sentido de estar circunscrito previamente os “eleitos”, é mantido sem grandes abalos na continuidade daquele *modo de vida*.

Tendo em vista o sentimento de pertença; a agregação experienciada pelos membros de uma sociedade específica, até que ponto o *grude cultural* que atravessa gerações sob o índice de conectá-los seria realmente capaz de ligá-los e integrar, de fato, os membros de uma sociedade?

Ruth Benedict diz que não há algo que se possa chamar “pureza racial”, que a forma de integração entre aqueles membros deve ser construída de maneira diferente:

O que na realidade liga os homens é a sua cultura – as ideias e os padrões que têm em comum. Se em vez de escolher um símbolo como hereditariedade de sangue comum, e de o arvorar em moto, a nação dirigisse antes a sua atenção para a cultura que une o seu povo, pondo em relevo os seus méritos e reconhecendo os diferentes valores que se podem desenvolver numa cultura diferente, substituiria uma espécie de simbolismo perigoso, por ser enganador, por um pensar realista.

(BENEDICT, 1983, p.18)

De forma que esse *simbolismo perigoso* seria agregar a símbolos valores que não se sustentam, que são impostos por meio de uma força persuasiva, por meio de justificativas imponderadas, e o pensar realista volta-se aos fatos culturais que são capazes de reunir esses membros.

Exploração indevida, ou criação intencional de símbolos podem encaminhar os membros de uma sociedade a caminhos tortuosos, há de se pensar nas consequências da primazia de certos aspectos, e no preconceito que isso pode gerar. Preconceito no

sentido exclusivista e não na acepção gadameriana do termo.<sup>7</sup> Mas aqui nos referimos ao preconceito na acepção pejorativa do termo, à forma rígida como o trato preconceituoso pode ser feito. Clifford Geertz também salienta a importância dos símbolos e de suas interpretações para aqueles que vivem sob o mesmo regime cultural, ainda que abarque diferenças entre seus membros.

Diz-nos Geertz:

O conceito de Cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

(GEERTZ, 1978, p. 15)

Tendo vislumbrado algumas das acepções possíveis do conceito de *cultura*, nos capítulos a seguir pensaremos as consequências de assumirmos o seu conceito tanto como *modo de vida*, mas que também está relacionada à análise de significados, ao *simbolismo* e ao caráter móvel típico de um *software*, além da possibilidade de se escolher quem se é nas araras do *supermercado cultural*.

Pensaremos as relações entre a *Filosofia*, a *cultura* e a *dialética*, analisando padrões herdados como válidos, o caráter de *clássico* e o papel da *tradição* que servem às vezes como guias, mas que nem sempre permitem que se galguem passos sozinhos.

Sempre nos movendo a partir de uma *Dubitatio Ab Ovo*: Afinal, qual seria o lugar da Filosofia em meio aos fenômenos culturais?

---

<sup>7</sup> Para Gadamer, o preconceito seria um arcabouço teórico previamente determinado, recebido e transmitido, que auxiliaria as pessoas a lidarem com as coisas no mundo, de forma até mesmo hermenêutica, ou seja, um pré-conceito.

## 2. Sobre os conceitos de *Clássico* e *Tradição*

O raio de atuação de uma ideia não conhece limites, épocas e fronteiras quando se fala de um clássico. É bem sabido o poder divisor de águas que certas obras possuem para seus campos de investigação. Ainda que nem sempre estejam restritos a esses campos, pois um clássico é uma ideia que se torna o padrão para o que se faz dali em diante. O mundo não é mais o mesmo depois do surgimento de um clássico.

Clássicos possuem autoridade, e é a essas obras que se reporta quem se interessa em continuar alguma atividade que de alguma forma está atrelada ao que está demarcado em seu perímetro temático.

A partir do momento em que surge um clássico, ou que se adota uma obra como clássica, debates a favor ou contra um tema que são permeados de ideias coligadas ou não a ele, busca-se, quase que freneticamente, respostas e justificativas quando se tem a audácia, por assim dizer, de se afastar dos clássicos. O afastamento do clássico é um desafio às ideias e ao pensamento como se conhece até ali e não é algo simples e fácil de fazer, demanda justificativas bem elaboradas e que ainda assim reportam-se aos critérios e medidas que foram antes estabelecidos. Mas, seria interessante pensar acerca desses critérios que servem como base para a afirmação de uma obra como *clássica*. Segundo Gadamer:

O que nos leva a chamar algo de “clássico” é, antes, uma consciência do ser permanente, uma consciência do significado imorredouro, que é independente de toda circunstância temporal, uma espécie de presente intemporal contemporâneo de todo e qualquer presente.

(GADAMER, 2004, p. 381)

O autor salienta aspectos importantes daquilo que é considerado um clássico, como o significado que uma obra rotulada como clássica possui tanto para uma área específica de conhecimento, estritamente falando, como de forma larga, ao arcabouço cultural que estaria disponível à humanidade; e o fator tempo que não parece afetar a importância dessa obra.

O significado de uma obra clássica perpassaria, então, tempos históricos, seria sempre contemporâneo, sempre se atualizaria naquele momento histórico específico, não podendo nunca ser desatualizado. Há algo no clássico que sempre tem algo a dizer a quem quer que o leia, independentemente de local, contexto, tempo histórico, sendo dotado de uma espécie de consciência que ultrapassa fronteiras. É, segundo Gadamer, intemporal.

A tensão dialógica, e dialética, entre aquilo que foi feito anteriormente e aquilo que se está a fazer pode ser uma forma de reconhecer o que foi realizado no passado, em principalmente, não repetir o feito, mas de seguir as investigações, ainda que apoiadas nos braços daqueles que se dedicaram anteriormente à mesma atividade. Apoio sem se tornarem muletas teóricas. Muletas teóricas seriam artefatos conceituais e argumentativos artificiais que servem de apoio ao argumento, de forma a servirem como um recurso baseado na recorrência a algum pensamento ou ideia anteriormente tratada, de forma unilateral, cega, acrítica. Quando se age dessa maneira, quebra-se a possibilidade de surgir algo novo, andando sempre auxiliado por esse apoio capengante é como se vivêssemos em uma prisão estrutural.

Não estamos dizendo que esse apoio não seja importante como referência, como uma voz com a qual dialogamos, mas sim que haja conformação e congelamento e que se diga sempre a mesma coisa, que o discurso seja o mesmo, sem acréscimo de novidades ou pontos de vista diferentes, o que criticamos é a estagnação teórico-filosófica.

No que diz respeito às nuances culturais, aquilo a que se reporta é trazido por uma determinada *tradição*, que pode mudar de acordo com o contexto, com os interesses específicos de um grupo social, e que por algum motivo é mantido como válido e digno de continuidade. O conceito de *tradição* origina-se do termo latino *traditione*, que diz respeito a algo que está a ser transmitido, sendo entregue, ou que de alguma forma está sendo trazido. Podemos interpretar essa entrega como embebida de interesses e valores a ela arraigados. Esse trazer pode dar-se entre grupos, dentro de nações, em práticas próprias de ofícios específicos.

Um dos nichos em que essa entrega é notável e corriqueira é através da educação. Por meio dela há uma condução específica das gerações que passam pelo processo de ensino-aprendizagem, valores são dispersos, há uma modelagem dos estudantes, há aí, então, o contato necessário entre diferentes gerações. De acordo com Maurício Beuchot Puente, é na educação que a relação com a *tradição* dá-se de maneira recorrente. Segundo ele, busca-se através do ensino inserir os alunos dentro de um contexto de forma a muní-los de forma adequada para que assim estejam aptos a vivenciar e a responder da forma mais preparada possível aos chamados da sociedade em que se encontra. (PUENTE, 2009, p. 61)

Dentro de cada sociedade parece haver demandas para papéis sociais mais ou menos definidas e seria responsabilidade dos órgãos gerenciadores aí estabelecidos suprirem a necessidade de formação para população, no sentido de atender às demandas, abastecendo de profissionais aquele meio, sendo esses capazes de dar continuidade à proposta daquele grupo social.

Há de se pensar, logo, nas diretrizes estabelecidas como oficiais, naquilo que se escolhe como meta e os meios para se chegar até esses fins. Todos os códigos reguladores sustentam, de certa forma, os eixos ao redor dos quais a vida social deve se encaminhar. Mas, estariam os papéis e as mentalidades previamente definidas? Até que ponto o grupo define o membro?

Em sociedades muito repressoras, escapular de trilhas e demarcações tradicionais parece uma audácia digna de repúdio, punição e até mesmo banimento. Em localidades que vivem sob Estado de Exceção, caracterizados pela dura repressão aos cidadãos que fogem daquilo que é estabelecido como socialmente aceitável, é visível o estrangulamento da possibilidade de a criatividade ser professada livremente, o novo é visto como uma forma de ataque ao Estado, e tudo o que já foi feito anteriormente e que seja interessante para a continuidade das coisas como estão é diligentemente carimbado e assinalado como norma imutável, a não ser que o “interesse geral” mude. O tribunal para a mudança de paradigma é deveras conflituoso. A quem deve-se convencer para mudar os rumos de uma nação?

Mas há exemplos de pessoas que conseguem burlar essas normas, encontrando meios de expressarem seus pontos de vistas, ainda que sob o olhar vigilante desse Estado. Como, por exemplo, artistas, que através do uso e expressão de seus instrumentos particulares, sejam eles tintas, suas vozes, violões ou papel machê, encontram meios de quebrar paradigmas, usando os mesmos instrumentos que poderia

mantê-los dentro do mesmo. É um esforço cujos efeitos nem sempre são visíveis no momento em que se vive aquela ruptura, a repercussão precisa, nesses casos, de tempo.

No entanto, os exemplos, quando são relatados ou de alguma forma são mantidos no imaginário de um determinado povo, como ícones, modelos, idealizações, estão de certa forma sendo mantidos disponíveis às gerações posteriores e podem vir a ser resgatados e colocados em prática posteriormente. Nesse sentido, não somente a *tradição*, mas uma assim chamada “*anti-tradição*” também teria a possibilidade de dispersar suas sementes. Sementes que dependem de quem as semeiem e as trate. Sementes que para se desenvolverem precisam de uma *cultura*.

As ideias, humanas nesse sentido, constituiriam um grande plantel de possibilidades botânicas, que dependendo de fatores outros, como as características do solo, os recursos minerais disponíveis, a constância em que são regadas, enfim, os tratos que porventura venham a receber poderiam fortalecê-la, de modo que, nesse ínterim, pode acontecer de criarem raízes ou simplesmente morrerem por alguma deficiência no processo de seu cultivo.

Ideias, cujos recursos por elas oferecidos recorrentemente se lançam mão, são as que mais profundamente se enraizaram na sociedade, estão sempre sendo alvo de cuidados e estima. Ainda que não necessariamente as submeta a podas ou replantes, que não se atualize.

Essas raízes são fertilizadas pelo *clássico* e pela *tradição*. Seja através dos parâmetros já estabelecidos pelo *clássico*, ao qual deveríamos sempre nos remeter, e tentar atingir o mesmo patamar por ele estabelecido, porque, de certa forma, esse seria um jeito de garantir o sucesso e a excelência dentro daquela sociedade.<sup>8</sup>

O *clássico* foi eficiente o bastante para virar um *marco* que deve ser sempre lembrado e novamente trazido à tona, como uma espécie de patrimônio, como base sólida, pela *tradição* a que *pertence*.

O *clássico* pode, então, juntamente à *tradição*, nutrir essas raízes, mantê-las fortes, com referência, servindo, o primeiro, como base às comparações vindouras, e o segundo como justificativa pela recorrência. O *clássico* pode servir, pois, de exemplo, que seria digno de ser transmitido em uma *tradição*. Sobre sociedades tradicionais, dotadas de exemplos transmitidos como ideários, Anthony Giddens diz:

---

<sup>8</sup> Caso haja o respeito da estrutura estabelecida pelo *clássico*, e desde que os objetivos sejam os mesmos que se teve em algum momento passado.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer indivíduo ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez são estruturados por práticas sociais recorrentes.

(GIDDENS apud HALL, 2005, p. 14-15)

Ao pensarmos, então, a *tradição* como uma forma de lidar com o tempo e o espaço, ela ganha ares de localização, demarcação de território, identidades, ou seja, de papéis sociais mais ou menos bem localizados. Os indivíduos que carregam e atualizam a carga da *tradição*, no sentido de manterem o que foi estabelecido antes de sua passagem pela existência, independentemente da época em que estão experienciando a vida, são assim delineados, esculpados e conduzidos a viverem dentro um determinado conjunto de práticas e ideias que atravessaram gerações a fio antes que chegasse até ele. É uma forma de garantir que aquele *modo de vida* não morrerá. É dotar de autoridade aqueles que vieram e passaram por aquelas situações antes dele, e que assim, forçosamente, estão autorizados a emitir juízos que devem ser acatados, caso se ouça a “voz da experiência”.

Além disso, caso cumpram seu papel de escoltadores da tradição recebida, agem no sentido de perpetuarem aquelas práticas, garantido que as gerações futuras recebam, assim como ele, esse relicário de posicionamentos interessantes àquele grupo específico. É uma forma de garantir que compartilhem do mesmo ideário, do mesmo arcabouço cultural, ainda que as estações mudem.

Nesse sentido, as mudanças, em sociedades tradicionais, podem ser vistas como afrontas, descabimentos teórico-práticos. Há um mundo inteiro para ser visto e explorado, mas dentro de certas estruturas determinadas, encaminhamentos prontos, estradas abertas que só precisam ser seguidas. Mudanças são trabalhosas e nem sempre vistas como olhares benevolentes.

Os defensores de *modos de vida* alternativos aos que nasceram são os rompedores de paradigmas, mas que lutam contra um grande gradiente de forças que estão sempre a colocá-lo dentro das raias da tradição.

Gilberto Velho acredita que o processo de afastamento da tradição na sociedade como se entende hoje possibilitaria a nucleação das identidades pessoais, uma forma de levá-las a cabo, mas através de uma troca, nem sempre gentil, entre o meio social e aquele indivíduo. Diz-nos ele:

Sair, fugir, afastar-se, renunciar, apagar-se ou apagar seu mundo podem ser a expressão da impossibilidade de encontrar um status, uma posição que confira honra e prestígio social condizentes com expectativas culturalmente elaboradas. A mobilidade social, seja em termos de deslocamento no espaço, seja através da estratificação social, pode, entre outros motivos ser causada por essa insatisfação. [...]

Toda sociedade desenvolve mecanismos para definir um lugar para o indivíduo-agente empírico. Este tem de assumir papéis, responsabilidades e deveres de acordo com seu sexo, idade, posição na hierarquia. Não existe sociedade que encaminhe esse processo sem nenhum tipo de tensão.

(VELHO, 2004, p. 46-49)

As questões levantadas por Velho levam-nos a pensar como o afastamento daquilo que é socialmente aceito, dentro de um contexto tradicional, é uma forma de dar uma chibatada nas costas da *tradição*, mas que também atinge o indivíduo “desviante”, o que muda é a mão que bate, no sentido de que virar as costas para a *tradição* pode significar abrir mão das comodidades por ela oferecida. Não é preciso se debater muito quando simplesmente se aceita o que já está sendo oferecido como opções desejáveis. Mas, as chibatadas na *tradição*, como uma forma de recusa às suas ofertas, causam hematomas e arranhões, nem sempre visíveis em um primeiro momento, mas que definitivamente influirão na forma como se decide viver dali em diante, com exemplos de possibilidade.

Diante deste espaço aberto às decisões individuais, os indivíduos-agentes empíricos, aos quais se refere Velho, se auto-determinariam até certa altura. Uma sociedade que possua ao menos algum tipo de organização não admite uma relatividade absoluta na escolha dessas identidades. A sociedade, por mais aberta que possa parecer às diversidades e às diferenças, ainda assim é limitadora, pois cobra de seus cidadãos certas posturas, especifica o que é aceitável, perpetua algum tipo de tradição.

Viver momentos de quebra de paradigmas, ruptura de tradições. pode provocar desnorteio. Mas caso não haja um colapso total das estruturas da sociedade, essa fundação foi constituída em algum momento dentro do contexto tradicional em que anteriormente se vivia, seja para confrontá-lo ou para apoiá-lo. Diz respeito à relação entre a negação e ao afirmado. Interpelações e argumentações partem do princípio de que aquilo que está em jogo está claro para ambos os lados, e parece ser assim também quando se põe no embate posições não apenas teóricas, mas que permeiam toda a vida social.



Um dos papéis que serviria de justificativa e sustentáculo para a consideração da validade da manutenção de uma *tradição*, seria justamente esse de interligar aqueles membros, seja sob a mesma legislação, hábitos ou de princípios em comum, que principalmente teria como efeito a união dos componentes daquele grupo. Daria também uma ideia de identidade, mas, radicalmente mais ampla e menos específica no que tange ao indivíduo.

A tensão a qual se refere Velho parece dizer respeito a esse cabo-de-guerra entre as identidades já disponíveis e aquelas as quais se quer chegar por conta própria, é uma insatisfação quanto ao verdadeiro poder de escolha do indivíduo, e até que ponto essa escolha é apenas ilusória.

Stuart Hall diz que a *tradição* poderia, em certo sentido, servir de recurso fornecedor de certezas e uma ideia de unidade entre os membros que comungam da mesma. (HALL, 2005, p.87)

Para alguns pode parecer reconfortante a ideia de que há algum eco entre o que aconteceu em algum momento passado e o que é experienciado atualmente por ele mesmo. Há aí arraigada uma ideia de que há sempre respostas disponíveis às suas perguntas, que sempre há modelos a ser seguidos, pois outros já vivenciaram o mesmo que ele e, de alguma forma, os resquícios de suas experiências servem de herança aos que vieram depois. Mas isso implica que se façam sempre as mesmas perguntas, ou que por analogia desloque-se o momento presente ao passado, fazendo ajustes, abrindo-se mão de certos aspectos para que haja um encaixe entre as situações vivenciadas em momentos diferentes.

Para Puente a *tradição* seria na verdade uma fornecedora de critérios para as gerações posteriores, mas que não deveria ser um dardo paralisante, impedindo o andamento da sociedade, que deve estar atenta às novas necessidades surgidas em diferentes momentos contextuais e históricos. É um apoio que, em suas palavras, deve ser superado. Mas que para isso precisa ser recebido, assimilado, conhecido e, aí então, ser criticado. (PUENTE, 2009, p.60)

O *clássico* e a *tradição* devem constituir, pois, as vozes com as quais podemos dialogar, mas que não deveriam definir os rumos dos herdeiros de seu *logos*. Uma indicação, não uma determinação.

No próximo capítulo trataremos sobre a *dialética*, sobre o poder relacional do diálogo e como esse pode influir profundamente nas relações humanas, e na constituição do sujeito, independentemente das tradições culturais das quais faça parte.

### 3. Sobre a *Dialética*

De maneira similar ao que fizemos até aqui, ao analisar conceitos, suas origens semânticas e pluralidade de significados, é interessante pensar o conceito de *dialética*, pois acreditamos que essa possui papel fundamental tanto no contato entre diferentes membros de diferentes culturas e a possibilidade destes se entenderem, ou pelo menos conseguirem transferir o que alguns símbolos próprios de sua cultura significam. Assim o processo culmina em um enriquecimento cultural, aberto à diversidade do pensamento, bem como entre membros de uma mesma cultura, que passaram por diferentes experiências, e são capazes de trazê-las à tona para a sociedade, de forma a movimentar e incentivar o caráter móvel do *logos*, não o estagnando, mas que seria potencialmente capaz de ser atualizado.

O conceito de *dialética* também depende de escolhas semânticas, hermenêuticas e até mesmo pragmáticas em certo sentido. Etimologicamente, *dialética* origina-se da palavra grega *dialektiké*, significando *téchne*, uma técnica, pois, que possuiria um método característico. Em termos latinos, *dialética* origina-se de *dialectica*, possuindo em sua raiz o verbo *lecto*, que, por sua vez, significa ler *várias vezes*.

A *dialética*, como atividade, envolve a prática do diálogo, do discurso, a transmissão de ideias, mas também poderia ser caracterizado pela ação de não conformidade, de busca, trocas, contato, embates, conflitos.

No sentido que estamos analisando, dentro de um contexto cultural, cheio de tramas significativas e simbólicas, a faceta prática da *dialética* torna-se muito cara.

Para um processo ser considerado *dialético*, em termos clássicos, é necessário que nos pautemos também na análise da importância do diálogo entre os membros de

uma mesma sociedade, e a possibilidade de que essas trocas dialogadas ocorram entre pessoas que não nasceram sob o mesmo teto cultural.<sup>9</sup> Quando levamos em consideração a convivência necessária entre os filhos de diferentes origens culturais, demandado por um mundo que parece possuir fronteiras *pro forma*, no sentido de acesso e abarcamento dos conteúdos próprios daquela região, em que demarcações de fronteiras não são limitantes ao diálogo, mas uma possibilidade a mais, a *dialética* seria uma forma de tentar abrir os braços aos significados e aos símbolos nem sempre disponíveis em primeira mão, mas que dependendo do esforço pessoal em direção a essa compreensão; possibilitaria, em suma, a analogia entre o experienciado por um e o que traz o outro.

Quando bem realizado, o diálogo abre espaço para uma maior harmonia entre membros diferentes de uma mesma cultura ou de diferentes culturas, é uma forma de abraçar o “outro”, considerando-o não como um oponente dialogal, mas como um companheiro dotado das mesmas capacidades, ainda que as profira em línguas diferentes.

Vivemos, ao menos quando se trata de uma sociedade, sob a égide da convivência, e é um imperativo que nos dirijamos ao outro. O esforço em prol do entendimento demandaria a leitura e releitura constante do que foi dito pela outra parte. Várias e várias leituras se forem necessárias, até que sejam não apenas estabelecidas, mas também satisfeitas as condições para o diálogo.

Segundo Spinelli “o modo grego de pensar é, em geral, afirmativo, mas não linear, e sim, digamos, “dialético”, ou seja, caracterizado por um modo dualista de pensar” (SPINELLI, 2004, p. 69). As dualidades demandam que as partes envolvidas não afirmem o mesmo, pois dessa forma estariam apenas interdefinindo-se. São necessários elementos que possam se rebater.

A recursividade do dualismo é outra forma de manter em movimento o *logos*, não o condenando à cristalização, mas salientando sua presença nas faíscas de fogueiras dialéticas, que mantêm em movimento a capacidade de transformação de argumentos, faíscas de transformação, fogueira daquilo que não mais se faz útil. O que resta são fuligem e calor. Resquícios do passado, possibilidades de surgimento de novas ideias e

---

<sup>9</sup>É maravilhoso pensar as possibilidades que o diálogo traz consigo, de entendimento, mudança de postura, de argumentação bem fundamentada, de perguntas e respostas, da abertura de horizontes, da quebra de paradigmas.

posicionamentos. A comunicação e o diálogo não ficam estanques, podem ser retomados, através até mesmo de uma volta à *tradição*, talvez.

Pensar a *cultura* e a *dialética*, tanto como conceitos isolados, dotados de seus próprios arcabouços, âmbitos e lugares específicos, quanto em sua análise conjunta, de forma que se pense em uma influenciando a outra, e o que é assumido quando ambas são consideradas *práticas humanas*, em sentido universal, culmina, por extensão, em uma forma de repensar a convivência e a possibilidade de trocas entre membros de uma mesma cultura, e permite projetar as interações entre sujeitos de diferentes origens culturais, apontando assim para uma possível visão universalizante, lançando um olhar às semelhanças que permeiam a diversidade.

No *Fedro* de Platão, deparamo-nos com a seguinte passagem:

Sócrates – Eis aqui, Fedro, o de que me declaro apaixonado: esse processo de divisões e aproximações. Com isso aprendo a falar e a pensar. E se encontro alguém que se me afigura com a aptidão de dirigir a vista para a unidade e a multiplicidade naturais, sigo-lhes a rasto tal como se um deus ele fosse. Quem for capaz de semelhante coisa – só deus sabe se estou ou não com a razão – mas, até ao presente dou-lhe o nome de dialético.

(PLATÃO, *Fedro*, 266 b-c)

Sócrates coloca em questão aquilo de que se trata o *processo dialético*: as *divisões* e *aproximações* seriam os movimentos típicos do mesmo, procurando aquilo que haveria em comum e separando os dessemelhantes, categoricamente. Haveria, então, a possibilidade de trocas, a partir dessas aproximações, mas salvaguardando as peculiaridades dos diferentes. Pensar os pontos que se tocam, as esferas que se intersectam e o ponto em que já não há confluência, apenas grânulos de diferenças.

É interessante pensar a figura da unidade e da multiplicidade *naturais*, pois esses aspectos no embate dialético parecem permitir que algo em comum que transpassa o gênero humano *por natureza*, seja capaz de mover a inter-comunicabilidade entre esses membros, ainda que se afastem no que diz respeito a aspectos outros, salvaguardado o aspecto múltiplo, regional, talvez da espécie.

Para Aristóteles, a *dialética* seria uma capacidade comum a todos os homens, pois de alguma maneira é algo humano apresentar uma tese, defender um ponto de vista e acusar o outro de estar enganado, apresentando seu próprio ponto de vista. (ARISTÓTELES, *Arte Retórica*, I, 1-2)

As técnicas *da retórica* e da *dialética* estariam associadas pelo uso do *logos*, mas as finalidades seriam diferentes. A da *retórica* estaria muito mais ligada à persuasão e a *dialética* ao processo de investigação do princípio de todas as coisas. (ARISTÓTELES, *Tópicos*, 2, 101b)

Sobre a crucialidade de se entrar em diálogo, diz-nos Cirne-Lima:

Para saber o que é a Verdade, é preciso entrar em diálogo, como Sócrates fazia e ensinava nas esquinas e na praça pública. No Diálogo surgem, ao natural, tese e antítese, o dito e o contradito. No Diálogo, concreto e real, nas ruas e esquinas, quando alguém diz alguma coisa e emite uma opinião, muito logo surge a resposta. Esta resposta pode ser afirmativa, então ambos estão de acordo e em consenso. A tese inicial proposta pelo primeiro falante foi endossada pelo segundo falante do Diálogo. Tudo muito bem. A tese inicial, que era de um só, foi aceita e endossada por mais um outro e é agora uma tese com base ampla e mais geral. Esse começo é válido e importante, mas aqui ainda não se trata de

Dialética propriamente dita. Começou o Diálogo sim, mas há apenas Tese. [...]

A Dialética procura a verdade mais ampla que, acima da parcialidade de Tese e de Antítese, é mais alta, mais rica, mais nobre e, assim, mais verdadeira. Pois a verdade é o Todo. Hen kai Pan.

(CIRNE-LIMA, 2005, p. 124-125)

Ao tratar sobre a *dialética* é crucial que se fale em opostos, haja vista que um dos papéis mais importantes daquela é justamente colocar em confronto, em busca da mais adequada e mais alta verdade. A *dialética* pode auxiliar na constituição de argumentos bem fundamentados, principalmente quando aborda lados diferentes de uma mesma temática, pois assim delinea e desmonta aquilo que está sendo assumido, apontando equívocos, os pontos fracos e fortes de um argumento. Através da *dialética*, a capacidade humana de defender o seu *logos* pode vir a realizar-se.

Ao vivermos permeados pelo fenômeno assim chamado de “globalização”, constantemente deparamo-nos com situações em que somos impelidos a nos relacionar com o “outro”, com o “diferente”, seja através de contatos para trocas comerciais, ou até mesmo ao acompanharmos algum programa de entretenimento importado.<sup>10</sup> E desse contato, quando há um investimento de interesse e disposição, trocas fundamentais podem vir a alterar o *modo de vida* de um indivíduo. O diálogo frutífero seria então aquele em que as partes envolvidas possam refletir sobre a forma em que vivem, um

---

<sup>10</sup> No segundo caso, é interessante pensar naquilo que chama “piada interna”, em que para um gracejo fazer sentido, muitas coisas devem se encaixar, o painel histórico-contextual precisa ser esclarecido, pois se acontecer de outra forma, não há analogia que consiga abarcar tamanho afastamento. Para que o alcance da piada seja largo, os pré-conceitos precisam estar bem estabelecidos.

cambiar ativo de informações e, quiçá, possa-se enxergar no outro um exemplar cultural digno de respeito. Querer impor o seu próprio *modo de vida* aos outros é uma forma de violentar suas personalidades, é uma forma de padronização sem respeito às diferenças.

Puente aborda a noção de *cultura* de maneira analógica, ele acredita que através dessas analogias as diferenças culturais podem ser salvaguardadas, mas que há uma unidade às quais todas culturas dizem respeito e podem, através das analogias serem unificadas. (PUENTE, 2009, p.23)

Seria então como uma forma de resgatar nos exemplares particulares aquilo que pode ser considerado universal, que está presente em todas as manifestações culturais. E isso seria feito através de uma captação do *ethos* de uma população, e por meio de uma *hermenêutica analógica*, aproximá-lo ao seu próprio *ethos*. Para ele a *cultura* deve ter por objetivo primordial ajudar a convivência social, respeitando limites e peculiaridades, para que o diálogo seja, de fato, respeitoso, sem que se esqueça a cordialidade. (Ibid, p. 25-27). Dialogar seria então uma forma de “buscar a verdade em equipe”. (Ibid, p. 113)

Desta feita, até que ponto pode-se falar em diálogos *supra-culturais*? Diante da intensa e freqüente troca de elementos essencialmente culturais que presenciamos nos dias atuais, George Mathews e Stuart Hall propõem uma investigação acerca daquilo que nomeiam *supermercados culturais*, e é sobre essa temática que discutiremos adiante.

#### 4. Sobre o *supermercado cultural* de Mathews e Hall

A partir da nossa discussão sobre o conceito e a extensão do que seria abarcado pelo termo *cultura*, iremos agora nos ater ao que seria o *supermercado cultural* trabalhado por Gordon Mathews e Stuart Hall, bem como a questão das identidades culturais.

Por *supermercado cultural* Gordon Mathews entende uma das alternativas disponíveis à identificação do sujeito dentro de uma cultura determinada. É aquele aspecto de seu *modo de vida* que seria escolhido por ele mesmo, a partir de sua personalidade, dos meios materiais que dispõe, de sua posição específica dentro de um contexto cultural determinado e aquilo que é “ofertado”, dependendo sempre do interesse que parte do sujeito em direção às “ofertas”.

É bom que se saliente que há diferenças fundamentais entre aquilo que se entende por *supermercado cultural* e o *supermercado material*. Sobre essa diferenciação diz Mathews:

A estrutura do supermercado cultural é muito mais complexa do que essa metáfora indica; em sua vasta intangibilidade é mais parecida com uma biblioteca que com uma mercearia, está mais para a internet do que para um mapa mundi. Uma diferença fundamental entre o supermercado material e o supermercado cultural é que enquanto no primeiro o dinheiro é absolutamente essencial para que seus artigos sejam consumidos, para o segundo não se precisa necessariamente de dinheiro pra consumir. Os artigos no supermercado cultural podem ser mercadorias, compradas e vendidas, mas podem não ser: é possível alguém ficar profundamente influenciado por um livro ou um programa de televisão, não importando, até certo ponto o dinheiro que possa ter ou não.

(MATHEWS, 2000, p.53)

Quando adentramos em grandes instalações de redes de supermercados, pode acontecer de a grande oferta acabar por desnortear aquele que precisa escolher entre dez marcas diferentes de um mesmo produto, os quais variam em qualidade e preço, limitando, pois, o acesso pelo poder aquisitivo. É sobre essa variedade de elementos, que chega até mesmo a deslumbrar freguesas e fregueses que se arriscam a enfrentar a gama variada de oportunidades, que está a se referir Mathews. Ou seja, é sobre a possibilidade de encarar todas as opções ofertadas e buscar preencher lacunas em sua personalidade que dependem dele mesmo, ainda que isso não seja feito diretamente através do dinheiro que o consumidor do *supermercado cultural* venha a possuir, mas levando em consideração também o poder mutatório que certos pontos de vista podem exercer na vida de uma pessoa.

O *supermercado cultural* seria, então, uma grande vitrine para exibição, venda e troca de peculiaridades culturais, dependendo do sujeito a escolha dos elementos que mais lhe provoquem interesse, despertem sua curiosidade e aticem alguma de suas “facetas consumidoras”. São facetas porque parecem ser muito mais um mosaico de características disponíveis do que máscaras plásticas descartáveis, de que ocasionalmente e lança-se mão.

Quando, portanto, o indivíduo parte para uma experiência disposto a entrar em contato, facilitando o diálogo, cumprindo seu papel nas analogias possíveis entre a sua *Cultura*, o seu *modo de ser* e o do *outro*, tentando ainda compreender, assimilar antes de criticar, abre-se um vasto campo à possibilidade de decidir por si mesmo qual identidade, no nível pessoal, lhe pertenceria.

Semelhantemente, para Stuart Hall o *supermercado cultural* seria uma consequência da abertura de horizontes proporcionada pelo constante contato entre diversos elementos de diferentes origens, característico dos dias atuais. Diz-nos ele:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornaram desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as



tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural”.  
(HALL, 2005, p. 75-76)

Para Hall, diferentemente de Mathews, o *supermercado cultural* parece ter um embasamento muito mais monetário, e o acesso seria fortemente dependente do poder aquisitivo de quem se dispõe a essa transação, dos instrumentais que possuiria para fazê-lo.

O *supermercado cultural* de Hall está baseado nas trocas, na negociação, nos arranjos, naquilo de que se abre mão ao assumir uma postura específica e é fundamentado na ideia de que tudo está disponível, que as fronteiras são quase ilusórias, ou pelo menos essa seria a fundamentação necessária para que o conceito de “globalização” possa ser estabelecido, em vias de possibilitar uma “homogeneização cultural”.

Essa perseguição por uma identidade passível de ser escolhida (e por extensão, num contexto baseado na troca de capital, comprada) seria, então, a epítome de uma sociedade baseada no consumismo, na criação de necessidades, na ideia de que o mundo está aos seus pés, e que depende de cada um conquistá-lo, indistintamente, e que uma importante parte desse mundo é o indivíduo mesmo. O indivíduo local e global, que pode se delinear ao seu bel-prazer. (HALL, 2005, p. 76)

O desalojamento, ao qual se refere Hall diz respeito justamente a essa ideia de o reino das identidades determinadas não passar de um castelo de areia em colapso, ele pensa, pois, os extremos de uma relatividade cultural exarcebadamente propagada, de que todos são, independentemente de suas terras pátrias, verdadeiros cidadãos do mundo. Faz-se mister, então, pensar a constituição da identidade do sujeito dentro desse *supermercado*. De acordo com Gordon Mathews:

Identidade é como o eu se concebe e se rotula.

Há tanto identidade pessoal como coletiva, a primeira referindo-se ao sentido que alguém tem de si mesmo, à parte dos outros – o sentido de quem ele é de forma única, como um indivíduo – e a segunda referindo-se a quem uma pessoa sente-se ser em comum com outras. O equilíbrio dessas formas de identidade varia intensamente. [...]

Os elementos de identidade coletiva incluem gênero e classe social, os quais são essenciais para a maneira pela qual a maioria concebe a si mesmo. [...]

Podemos pensar em identidade cultural como uma questão de como as pessoas concebe quem, culturalmente, são por meio das suas escolhas no nível do supermercado cultural.

Nesse sentido, pensar uma dupla ramificação da identidade, tanto coletiva quando individual é pensar também na dialética entre essas duas esferas que se interpelam dentro e fora do sujeito. São anti-pólos de um mesmo imã, cada um exercendo influência para um lado diferente, mas que se mantêm dentro de uma mesma estrutura, e que quando são atritados a uma superfície sob a qual ambos sofrem influência, são unidos, ainda que haja o resquício de algum tipo de conflito interno.

De cada agente são cobradas certas posturas dentro de contextos específicos, e quando as respostas correspondem a essas cobranças, essas pessoas são declaradas bem-sucedidas dentro daquela sociedade, e os que se desviam são declarados *párias*.<sup>11</sup>

A partir do momento em que há encontros culturais, segundo Stuart Hall começam negociações acerca dos significados, bem como a tentativa de tradução dos elementos constituidores daquele *modo se vida* diferente do seu, e a radicalização dessas negociações seria o surgimento de culturas híbridas. Os agentes culturais que passam pela experiência do deslocamento de identidade e pela constante tradução cultural, que na medida do possível podem ser realizadas, carregam traços de sua cultura, mas após o contato que muda o seu próprio modo de vida, nunca mais poderiam ser os mesmos, é como se a unidade cultural da qual era possuidor e pela qual era possuído no passado não mais existisse. E é preciso lidar com isso. Não há mais raízes. Não há mais chão seguro. (HALL, 2005, p. 88-90)

---

<sup>11</sup> É importante pensar se a educação, que como já falamos é a forma que a sociedade utiliza mais largamente no processo de condução e preparação das próximas gerações, direciona-se no sentido de abarcar a diferença ou se cada vez são incentivados que os fenômenos se atenham a mais do mesmo. A resposta negativa conduziria à uma forma absoluta e auto-centrada de homogeneidade, mas também pode resultar em intolerância para com a diferença. Maurício Beuchot Puentes acredita que a educação deve dirigir-se no sentido de incentivar um diálogo aberto entre os estudantes e os professores, incentivando uma maior abertura ao diverso, diminuindo as distâncias entre essas partes, sem que haja o estabelecimento de uma hierarquia, que possam se comunicar de forma igualitária, sem abuso de poder, ou que os argumentos de autoridade prevaleçam aos pontos bem fundamentados e devidamente justificados, independentemente de quem o profira. E esse ambiente, propício a trocas de ideias, e fértil para o surgimento de novas posturas, refletidas, analisadas e devidamente criticadas, deveria ser em parte um incentivo do próprio Estado, bem como resultante de uma postura aberta à diferença partindo dos próprios professores, pois esses são os exemplos, em última instância, a serem seguidos pelos alunos. (PUENTES, 2009, p. 110)

Falar em busca de raízes em um contexto mundial que se afirma como permeado pela relatividade das escolhas pessoais pode soar até mesmo retrógrado.

Ao que parece a formação de um lar dentro do *supermercado cultural* - por seu caráter muito mais subjetivo, em que as escolhas são feitas diretamente pelo sujeito, que pode seguir suas motivações pessoais no sentido de satisfazê-las e preenchê-las por si mesmo – parte do agente mesmo; não é recebido, é escolhido.

Nasce-se dentro de uma cultura, ela é recebida, através dos diversos mecanismos que já discutimos anteriormente, mas, por meio da facilitação da comunicação com outras *tradições*, o diálogo e o contato com o “outro” torna-se, além de mais freqüente, profícuo no sentido de fornecer aspectos para o surgimento de novas identidades. Podem surgir verdadeiros *Frankensteins culturais*, em que as partes agregadas não estão mortas, mas muito vivas. São fragmentos que convivem no sentido da formação de um todo animado e dotado de um instrumental experiencial singularizado, radicalmente subjetivo, esferas que se engrenam e movimentam-se ao redor de um grande eixo humano que se escolhe, que sofre atritos e pode compor-se e recompor-se, que escolhe também a sua casa e é o responsável primeiro pela formação de seu lar.

Se vivemos, de fato, nesse *supermercado cultural*, tal qual Mathews e Hall definem, e se somos, ou por algum motivo, queremos que acreditemos que somos livres para escolher nossos lares, é interessante pensarmos o espaço da *Filosofia* dentro desse grande *supermercado*, assumindo a *Filosofia* como uma forma de *elo* entre a *cultura* e o *indivíduo*, que perpassa as diversas esferas tanto deste como daquela, como uma forma de lubrificar as engrenagens a que nos referimos anteriormente, ou seja, que flui entre o estabelecido e o móvel, que pode facilitar ou emperrear o andamento desse contato, qual seria, então, o *locus* da *Filosofia* no *supermercado cultural* de Mathews e Hall?.

## **5. Sobre o lócus da *Filosofia no supermercado cultural* de Mathews e Hall**

Segundo Gordon Mathews a formação cultural de um indivíduo dá-se através de três níveis diferentes que variam de acordo com a sua profundidade e superficialidade. Há um nível mais profundo que seria aquele aceito sem questionamento, seria até mesmo inconsciente, e que seria um modo primário de lidar com o mundo, através da linguagem, por exemplo. Há um segundo nível, que seria intermediário, nomeado de “reino do *shikata ga nai*”, que significa “não há como evitar”, em japonês, um nível em que se agiria de forma determinada por fazer parte de uma sociedade específica, como manter relações de trabalho, cumprir papéis sociais, seria, enfim, o nível em que as relações sociais dar-se-iam de forma mais concreta. E há um terceiro nível, mais superficial, que é exatamente o do *supermercado cultural*, que depende basicamente, como já analisamos, das escolhas feitas pelo sujeito. (MATHEWS, 2005, 39-43)

Diante desses diferentes níveis, ao questionarmos o *lócus* da Filosofia dentro desse *supermercado cultural*, esse terceiro nível atuaria de modo a deixar abertas as margens para a decisão do sujeito, logo, a atuação da *Filosofia* dependeria muito mais de uma abordagem pessoal, da forma como aquele agente porta-se, constituindo para si mesmo a possibilidade da escolha de práticas, e o questionamento de até que ponto as mesmas seriam necessárias, e ainda, se seriam inevitáveis, bem como a aceitação ou não dos papéis que lhe legam dentro dessa sociedade.

Caberia, pois, à Filosofia, a busca pelos fundamentos dos argumentos nos quais essas práticas estão arraigadas, bem como analisar criteriosamente a continuidade das mesmas, colocar em questão as estruturas da sociedade em que se vive. Pois, ainda que

as ideias de raízes e lar estejam relativizadas, o modo como essas funcionam afeta diretamente o sujeito e seu *modo de vida*, suas escolhas dependem ainda de um nível estrutural.

Tanto em Mathews como em Hall, na possibilidade de o sujeito escolher os aspectos que mais lhe apeteçam no *supermercado cultural*, o *lócus* da *Filosofia* parece ser justamente o de acompanhar o ser humano, independentemente de fronteiras, barreiras culturais, contextos.

O lugar da *Filosofia* no *supermercado cultural* não é estar encerrada em suas prateleiras, vitrines, corredores, mas sim na suspensão do agente que escolhe, para que ele possa vislumbrar este mercado desde suas fundações, até o telhado que o cobre, possibilitando uma visão mais amplificada, condoreira de tudo o que ele oferece e abarca, para que assim suas escolhas possam ser feitas de forma reflexiva, analisada, pormenorizada. Mas, ainda nos questionamos: o impulso necessário para a suspensão filosófica depende do sujeito?

## Considerações Finais

Estivemos até aqui a analisar as relações entre a *Filosofia*, a *cultura* e *dialética*. Durante nossas discussões, fomos movidos por uma dúvida *ab ovo*, uma dúvida nuclear, que dizia respeito justamente a qual a relação entre estes três aspectos na existência humana, pois as consideramos partes constituintes da base da vida humana.

É possível que se viva sem nunca se ter ouvido falar em *dialética*, que a *cultura* seja apenas aceita sem questionamentos, que se cumpram os papéis que de alguma forma caíram em seus colos, sem ao menos colocar em questão o por quê das coisas serem como são. Sim, é possível.

A nossa *dubitatio ab ovo* permanece, mas agora em seu radical oposto, no sentido de que ainda nos questionamos até que ponto vive-se *sem* que esses aspectos sejam desvelados, discutidos, salientados.

Que *modo de vida* é esse que ignora a importância da *Filosofia* na formação de seus cidadãos? Certamente, um que facilita a permanência de um determinado *status quo*, em que as situações são aceitas sem questionamentos, um que encerra cada vez mais estas pessoas no reino-labirinto do “*shikata ga nai*”.

Levantar questões, pensar a pertinência e relevância de certas práticas e argumentos são sustentáculos de uma vida que se reflete, que não é hermética, que pode abrir-se ao outro, ao diferente, ao diverso.

Ao pensarmos a importância e a relação entre a *Filosofia*, a *cultura* e a *dialética*, pensamos também a possibilidade do diálogo, do respeito e do desenvolvimento de práticas que visem a consideração de diferentes nuances de um mesmo fenômeno, que é o da existência humana, procurando a *leitura* e *releitura* possíveis daquilo que é considerado *outro*, bem como de si mesmo, de forma que se salvguarde o direito à heterogeneidade, na medida em que ela for o caso, mas que se busque, o quanto possível isso seja, o entendimento entre todas essas esferas, que se intersectam justamente em um ponto: aquele que sustenta a *humanidade*.

## Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES, (1988), *Arte Retórica e Arte Poética*, tradução de: Antônio Pinto de Carvalho, Ediouro.

ARISTÓTELES, (1987), *Tópicos; Dos argumentos sofísticos*, tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, Nova Cultural.

BENEDICT, Ruth, (1983), *Padrões de Cultura*, tradução de Alberto Candeias, LBL Enciclopédia.

CIRNE-LIMA, Carlos Roberto, (2005), *Dialética para Principiantes*, Editora UNISINOS, 3ª Edição.

EAGLETON, Terry, (2003), *A idéia de cultura*, tradução de Sandra Castello Branco, Editora UNESP, São Paulo.

GADAMER, H. G., (2004), *Verdade e Método I*, Petrópolis: Editora Vozes.

GEERTZ, Clifford, (1978), *A Interpretação das Culturas*, Zahar Editores, Rio de Janeiro.

HALL, Stuart, (2005), *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*, 10ª Edição, DP&A Editora.

HOFSTEDE, Geert, (1997), *Cultures and organizations: software of the mind*, McGraw-Hill.

MATHEWS, Gordon, (2002), *Cultura Global e identidade individual: à procura de um lar no supermercado cultural*, tradução de Mário Maschepe, EDUSC.

PLATÃO, (1975), *Diálogos VOL.. V, Fedro – Cartas – O Primeiro Alcebiades*, tradução de Carlos Alberto Nunes, Ed. Universidade Federal do Pará.

PUENTE, Mauricio Beuchot, (2009), *Hermenéutica analógica y educación multicultural*, 1ª Edição, Plaza y Valdés, México D.F.

SPINELLI, Miguel, (2004), “O Desenvolvimento da Dialética no Interior da Filosofia Grega”, *Revista Hypnos*, São Paulo, Nº13 – 2º Sem., Ano 9, p.69-83.

VELHO, Gilberto, (2004), *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*, 7ª Ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.